

# Café com... Ivo Martins



fotografia: Joana De Deus

► Para esta quinzena, o STH “tomou café” com Ivo Martins. Este tirsense integrou, há cerca de 14 anos a equipa organizadora do afamado Guimarães Jazz. Ao longo de anos de trabalho e persistência, a dedicação deste apaixonado por música floresceu: hoje, o Guimarães Jazz é internacionalmente referenciado como um evento de excelência e por onde já passaram alguns dos maiores nomes da história do Jazz. Assim que convidado pelo STH, Ivo Martins acedeu prontamente em conceder a entrevista, solicitando, no entanto, que a mesma fosse realizada por escrito (correio electrónico) e apenas focalizada no Guimarães Jazz. Como é natural, o STH concordou e o resultado está a vista...

## A entrada e participação no Guimarães Jazz

Em 1995 fui contactado por um amigo que conhecia a minha ligação à música, para estar presente numa reunião com um elemento da comissão organizadora do Guimarães Jazz. Nesse encontro fui convidado a integrar a organização do festival. A partir daí fomos concebendo e definindo o perfil para um programa de um festival de jazz capaz de se renovar permanentemente e que, ao mesmo tempo, pudesse ir adquirindo uma identidade própria, susceptível de destaque junto dos demais eventos do género que haveriam mais tarde de aparecer

em Portugal.

Existem alguns pontos interessantes que ajudam a perceber como estas coisas foram acontecendo. No começo de cada ano, quando iniciávamos a planificação do programa do Guimarães Jazz, surgiam-nos sempre as mesmas perguntas: o que é actualmente um festival de jazz? Haverá um método específico que permita, desde logo, situar esta música e realizar através deste evento um processo identificador, seguro e universal de divulgação?

No meio da confusão causada por estas dúvidas, detectavam-se

inúmeras respostas curiosas e percebia-se que cada opção ou escolha de músicos ou músicas deveria saber distanciar-se dos interesses em jogo, não podendo ficar enredada na tentação de atrair atenções sobre acontecimentos não representativos de problemas reais acerca da definição do jazz. Um festival tem de ser um espaço exclusivo e liberto de compromissos, capaz de permitir a compreensão e a fruição livre e individual do público interessado. A parte mais importante das respostas foi-nos dada pelos concertos – a execução dos

músicos e a audição do público – não havendo interesse da nossa parte em transformar o acontecimento num fórum de discussão a propósito das interrogações e das dúvidas sobre os limites do jazz. Considera-se que cada programa é tanto mais rico quanto mais é capaz de permitir um maior número de leituras paralelas e que o alinhamento deve ser equilibrado nos géneros, fomentando diversas análises individuais e incentivando a movimentação das audiências na direcção dos concertos. Tentou-se assim incrementar, através da programação

do festival, um leque alargado de estímulos e de insinuações resultantes das várias propostas apresentadas pelo programa. A variedade de estilos e de géneros do jazz presentes no festival e as múltiplas associações de ideias suscitadas pelo alinhamento permitiram criar uma atmosfera de abertura e de divulgação sempre consolidada através dos concertos apresentados que eram acompanhados de uma narrativa explicativa e justificativa da sua escolha.

## Guimarães Jazz, uma referência internacional

Actualmente o festival é um bloco de acontecimentos, formado por um importante conjunto de momentos dispostos nos seguintes pontos essenciais:

- A) Os Grandes concertos
- B) As Jam's Sessions
- C) As Oficinas de Jazz
- D) O Projecto Guimarães Jazz/TOAP – “Tone of a Pitch”
- E) O Projecto de Big Band – Guimarães Jazz/ESMAE – Porto

A) Os grandes concertos têm lugar no auditório principal do Centro Cultural Vila Flor e neles são apresentados músicos fundamentais da história do jazz ou músicos que, sendo ainda jovens, são talentos promissores em ascensão.

B) As Jam's Sessions são concertos fora de horas que

se estendem pela noite dentro, cumprindo um importante papel na informação e na divulgação, ao revelarem a informalidade do jazz e da improvisação e ao permitir que o público menos conhecedor desta música a possa ouvir pela primeira vez, num ambiente mais directo e próximo dos músicos. A qualidade dos instrumentistas tem elevado de maneira evidente o nível das mesmas, permitindo contactos, encontros e experiências entre músicos e audiências cada vez mais interessadas por este género de abordagem artística. As Jam's Sessions assumem-se como uma das várias faces do Guimarães Jazz, incentivando o divertimento e a possibilidade de se reunirem pessoas e músicos, sendo encontros musicais depois dos concertos no grande auditório e traduzindo-se em momentos espontâneos de improvisação, o que confere ao festival instantes únicos de festa e de ritualização colectiva.

C) As Oficinas de Jazz assim como as Jam's Sessions são dirigidas pelos músicos residentes que se deslocam propositadamente dos Estados Unidos, fixando-

se em Guimarães durante duas semanas e são responsáveis pela organização de várias actividades formativas destinadas a jovens instrumentistas. Nota-se um interesse crescente por parte de muitos jovens músicos vindos de diversos pontos do país e do norte de Espanha (actualmente são mais de 60 os que todos os anos se associam ao evento) para participarem nestes seminários.

D) Em 2006 iniciámos um novo projecto de intercâmbio artístico entre o Guimarães Jazz e os músicos associados à TOAP (Tone of a Pitch), uma marca portuguesa independente, gerida por músicos que desenvolveram um importante trabalho na divulgação do jazz criado por instrumentistas portugueses. Estabelecemos com esta etiqueta discográfica um acordo de colaboração no qual ficou determinado para cada edição do Guimarães Jazz, a preparação de um projecto artístico e inovador exclusivo do festival que envolvesse músicos portugueses e estrangeiros. Com este projecto pretende-se preparar para cada edição do Guimarães Jazz um concerto exclusivo que seja o resultado dessa colaboração artística. O resultado sonoro desta experiência será sempre registado e lançado em CD no festival do ano seguinte. O

objectivo deste projecto é permitir ao Guimarães Jazz a materialização da sua história, através da possibilidade de transformar em documento áudio alguns dos seus concertos e deste modo o festival ver produzidas as suas próprias gravações.

E) Nos festivais realizados entre 1998 e 2003 desenvolveram-se vários projectos de Big Band, que incluíam uma orquestra formada por músicos portugueses e europeus. Este grupo alargado de instrumentistas preparava durante três dias de intensivos ensaios um programa musical delineado exclusivamente para o Festival. A orquestra era dirigida por um compositor/director convidado, internacionalmente reconhecido. Esta experiência foi muito útil porque permitiu aos vários elementos da organização do Guimarães Jazz a possibilidade de prepararem várias produções para o acontecimento, podendo testar a sua capacidade de resposta perante os projectos desenvolvidos e a competência da sua concretização no conjunto das rotinas necessárias



à produção de espectáculos. Em 2005 sentiu-se a necessidade de fazer algumas mudanças no processo e, mantendo a mesma ideia, inicia-se a preparação de um novo projecto para Big Band, utilizando-se então a Big Band da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo). Esta orquestra, composta por jovens músicos em formação, cumpre uma intensa semana de ensaios, na preparação de um concerto integrado no programa do Festival.



Hank Jones  
fotografia: Cole Thompson



## “Grandes nomes” do Guimarães Jazz

O Guimarães Jazz foi-se autonomizando como organização, criou os seus próprios contactos e não depende de nenhum agente ou estrutura de venda de concertos. Tem uma completa independência em relação ao meio e cada opção ou escolha de músicos programados está afastada dos interesses comerciais. O festival conhece e contacta directamente os músicos ou os seus agentes e evita ficar enredado nas atenções sobre acontecimentos que não sejam representativos dos valores artísticos que pratica. Actualmente as pessoas podem estabelecer contactos com todas as partes do mundo porque possuem ferramentas poderosas de comunicação para se fazerem ouvir. Esta situação permitiu consolidar ainda mais a nossa forma de organizar o festival. A Internet é um meio fundamental de contacto através do qual se estabelecem ligações que projectam uma imagem identificativa do Guimarães Jazz. A experiência faz com que, de uma forma optimista, tenhamos acesso a todo o tipo de músicos. A possibilidade desses músicos fazerem parte do programa do festival é uma mera questão de oportunidade e de orçamento. A

estruturação de um programa é um trabalho de persistência que obriga a procurar e a inventar soluções de forma a conseguir atingir a ideia inicial. Insistimos com os músicos que queremos programar para conseguirmos a sua presença, por vezes andamos anos atrás deles e a manifestação do nosso interesse dá origem a uma digressão europeia.

O facto de o Guimarães Jazz ser um festival planeado sem o recurso a um formato estético específico, sendo por isso muito mais flexível nas suas possibilidades de construção, facilita a criação de um programa equilibrado. Somos obrigados a ultrapassar a dificuldade de se ter fixado para o mês de Novembro de cada ano a realização dos concertos e por isso ser-se obrigado a procurar os músicos que se encontrem em digressão na Europa nessa época e que estejam disponíveis para tocar nas datas previstas para o festival. A possibilidade de gerir estas condicionantes e a experiência adquirida fez com que se conseguisse trazer ao Guimarães Jazz uma parte substancial dos músicos de jazz fundamentais dos finais do século XX.

Seria um grave contra-senso e uma enorme perda de oportu-

nidade histórica que uma cidade com as características de Guimarães não tivesse no seu festival as principais figuras desta música. Foi-se desenvolvendo um formato de programação para que a cidade construa a sua própria história no contexto do jazz, de forma a ser considerada uma referência nacional e internacional. Pretende-se mostrar o jazz na sua globalidade, uma das músicas mais interessantes surgidas durante o século XX e realizar um conjunto de acontecimentos relevantes, em duas semanas de intensa actividade. Para se ter uma ideia da qualidade de alguns dos músicos que passaram pelo festival, citem-se os seguintes nomes: Kenny Barron, Ran Blake, Steve Lacy e Roswell Rudd Quartet, Alex von Schlippenbach, Maria Schneider, Anthony Braxton, Brad Mehldau, Sheila Jordan, Betty Carter, Peter Erskine, Kenny Wheeler, Cecil Taylor, Ron Carter, Dewey Redman, Bob Brookmeyer, Dave Liebman, John Scofield, Wayne Shorter, Abdullah Ibrahim, Charlie Haden Liberation Music Orchestra featuring Carla Bley, Pharoah Sanders, Jan Garbarek, Ahmad Jamal, Steve Coleman entre outros.



## “Consolidar um projecto com identidade”

É tão fácil quanto difícil montar uma estrutura como o Guimarães Jazz. São muitas as condicionantes que determinam as escolhas e é sempre difícil conciliar as agendas dos músicos com o calendário do festival. O programa é previamente estabelecido com um ano de antecedência e, posteriormente, vão-se fazendo os contactos. É necessário ter-se conhecimento das digressões europeias e da actividade dos músicos para se concretizar a totalidade das opções iniciais e só assim o festival mantém coerência. A concepção do festival precisa de tempo e de criatividade. É sabido que todas as coisas têm de ser muito rápidas a atingir resultados e sucesso. O problema de qualquer organização é não ter tempo para crescer devagar porque crescer é uma forma lenta e consolidada de sedimentação de conhecimentos e para isso acontecer naturalmente o tempo é um elemento essencial – tempo para arriscar e corrigir, para se pensar e achar o meio mais apropriado de pôr em prática as ideias. Felizmente o Guimarães Jazz teve tempo necessário para pensar e consolidar um projecto com identidade, mantendo uma trajectória de ascensão durante todos estes anos. É de facto uma situação rara num mundo onde tudo se altera a grande velocidade.



Jason Moran  
fotografia: Clay Patrick McBride



Branford Marsalis



Dave Holland



Cassandra Wilson  
fotografia: Jenny Bagert

## Formar público

O festival foi sendo desenvolvido por um conjunto de pessoas com diversos interesses e formações. Começou por ser uma parceria entre a Câmara Municipal de Guimarães e a Associação Cultural “Convívio”, uma entidade com grandes tradições na divulgação cultural vimaranense. A inauguração do Centro Cultural Vila Flor permitiu um grande salto qualitativo, tendo o Guimarães Jazz conseguido praticamente duplicar o seu público porque passou a ser

possível oferecer a todos os que se deslocavam para assistir aos concertos excelentes condições de bem-estar. O acesso a um conjunto de meios técnicos sofisticados na produção dos espectáculos também contribuiu para a melhoria verificada. Pode dizer-se que mais de 70% da audiência do festival é proveniente de zonas afastadas de Guimarães. As pessoas deslocam-se de todo o país, tendo passado pelo grande auditório do Centro Cultural Vila Flor mais de 4.500 pessoas por festival. Se juntarmos a este número todos os indivíduos que assistem às Jam’s Sessions e aos demais acontecimentos paralelos,

é possível calcular que anualmente passam pelo Guimarães Jazz pelo menos 6.000 pessoas. O público nunca foi a grande preocupação do festival porque ele foi sempre aparecendo em todos os concertos. Ao longo do tempo concluiu-se que o principal objectivo seria a divulgação do jazz, oferecendo às pessoas a escolha entre diversas actividades que vão desde os concertos até às Jam’s Sessions. Tentou-se evitar estados de grande seriedade intelectual à volta desta música. Naturalmente, na origem desta construção está o prazer de fazer as coisas bem feitas, assim como o rigor profissional daquilo que se

realiza. As ideias foram trabalhadas até às últimas consequências e tivemos sempre o desejo de fazer um festival capaz de crescer e de nos arrastar no seu crescimento. Não pretendemos dirigir ninguém, nem impor nada às pessoas. Limitamo-nos a pôr à consideração dos que gostam do jazz e dos que querem contactar pela primeira vez com esta música, um conjunto de concertos de vários géneros passíveis de dar prazer e gozo na sua fruição. É evidente que ficamos satisfeitos quando os resultados alcançados são bons e observamos, por vezes com alguma surpresa, a forma atenta como as pessoas

digerem as informações disponibilizadas no decorrer do festival. Neste sentido o que apreciamos é a possibilidade de vermos a reacção das pessoas aos espectáculos. Descrever o Guimarães Jazz é uma narrativa com muitas lacunas na medida em que é impossível transmitir a riqueza das experiências vividas por quem participa naqueles momentos. Assim, a melhor maneira de perceber o festival é vivê-lo por dentro, é sentir tudo o que nele se vai passando, seja no decorrer dos concertos, seja nas várias actividades paralelas que preenchem os dez dias do Guimarães Jazz.